

#cm
2
QUINTA E FIM DE SEMANA



na súbita deusa
das verdes

Domingos. COM a griô

Para comemorar os **40 anos de sua chegada ao Rio**, **Elisa Lucinda** ocupa os **domingos de maio do manouche** com o espetáculo poético-musical **“Ensaio para uma Ideia: o Improviso da Griô”**. *“Eu chego no palco com algumas ideias que quero desenvolver. Aí, eu, que sou uma griô, vou contando histórias”*, disse a **atriz, dramaturga e poeta ao Correio**. Pág. 2

ENTREVISTA | ELISA LUCINDA

ATRIZ, DRAMATURGA E POETA

'Sou herdeira da esperança prática'

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Zé-pereira da lírica brasileira, Elisa Lucinda assassinou a lógica por legítima defesa ao cometer encantarias como "Amanhecimento", cujos versos berram: "Vai assim seguindo o desfile das tentativas de não/ o pio de todas as asneiras/ todas as besteiras se acumulam em vão ao pé da montanha/ para um dia partirem em revoada. / Ainda que nos anoiteça/ tem manhã nessa internada". Há uma torcida organizada em prol da inclusão desse poema na antologia que a capixaba prepara para lançar em breve, com base em 40 anos de serviços prestados ao verso, enquanto brilha na televisão, em "Coração Acelerado". Na atual novela das sete da TV Globo, ela arrebatou o público no papel de Zuleica. Entre a telinha e os livros, Elisa se prepara para festejar as andanças de suas quatro décadas de arte (e de Rio de Janeiro), batendo cabeça para a ancestralidade, em espetáculos programados para os domingos no espaço Manouche, no Jardim Botânico, às 18h. Poemas, músicas e causos se amalgamam no que ela vai entoar, na companhia do duo CAFUZØ, formado pelos instrumentistas Glaucus Linx (saxofone) e Sandro Lustosa (percussão). O show foi batizado de "Ensaio Para Uma Ideia, O Improviso Da Griô".

No papo a seguir, a diva de estrofes que deixaram a rotina transbordar na forma de utopias abre a gira do que o público carioca vai conferir a partir deste 3 de maio.

"Ensaio Para Uma Ideia, O Improviso Da Griô" mistura causos, lembranças, músicas e poemas. Como esse tanto de coisa se articula aí na caixinha da sua cabeça?

Elisa Lucinda - Nesse espetáculo, o que eu faço é deixar rolar. Eu chego no palco com algumas ideias que quero desenvolver. Aí, eu, que sou uma griô, vou contando histórias, partindo da ideia de que eu quero fazer desse espetáculo uma homenagem especialmente ao Rio de Janeiro onde eu cheguei 1986, e fui fazendo apresentações em bares, na noite. Elas eram minhas sementes, embora eu não soubesse, e, daí, estou fazendo 40 anos de carreira agora. Naquela época, eu não tinha livros publicados. Eu fazia tudo nesses shows: o roteiro, o cartaz, os poemas... Vendia poesias em forma de papiros, enroladinhos, porque não tinha livro. Fazia uns livros manuais. Um dia, falando com Zezé Polessa, minha amiga, eu disse: "Zé, precisamos procurar um texto pra gente montar". Ela me disse: "Não, Elisa, EU preciso procurar; você, não, pois você é autora, você faz tudo". Aí caiu minha ficha.

O que o duo CAFUZØ, com Glaucus Linx (saxofone) e Sandro Lustosa (percussão), dá a você de mais valioso no palco?

Confiança. Muito experientes, eles potencializam o encantamento que eu busco na noite, a cada apresentação, pois produzem efeitos na música que ilustram o tipo de nutrição inerente à minha viagem na arte.

O que o Manouche representa num cenário hoje reduzido de casas de show no Rio?

Quando eu pisei lá, me deu uma saudade daqueles bares dos anos 1980, com as pessoas bebendo e eu falando poesia. É uma casa aconchegante, de bom gosto, que lembra um cabaré sofisticado. É um lugar onde a palavra tem espaço.

Sua poesia tem um olhar prospectivo. Volta-se para o amanhã, celebrando o hoje e o agora, diferente do que se ouve de muitas vozes poéticas, mais nostálgicas. De onde essa fé?

Sou herdeira da esperança prática. Meus pais eram modernos, esclarecidos. Minha mãe sempre trocava o pretérito pelo futuro. Se eu dizia "queria conhecer a Grécia", ela dizia: "Querida, não; quer. Se quer, então vai". Isso criou em mim uma potência de acreditar que o jogo pode virar. Minha esperança não é boba, ela é prática.



Jonathan Estrella/Divulgação

“Se eu dizia ‘queria conhecer a Grécia’, ela dizia: ‘Querida, não; quer. Se quer, então vai’. Isso criou em mim uma potência de acreditar que o jogo pode virar”

Você tem novos livros para sair nesse marco comemorativos dos seus 40 anos de arte?

Tem sim, pois essa fábrica eu não fecho. Saiu o "Diário do Vento", com fotografias feitas ao longo de 40 anos em Itaúnas (ES), pelo meu amigo fotógrafo, Vitor Nogueira, com poemas meus. Tem ainda uma antologia poética pela Record, reunindo quatro livros meus. Estou fazendo o terceiro da série (com a personagem) Edite, "O Demônio dos Vestidos".

E no audiovisual, o que vem por aí, além da novela

"Coração Acelerado"?

Fico nessa novela até julho e estou também em "Dona Beja", da HBO Max. Eu estou no filme "Geni e o Zepelim", da Anna Mui-laert, em que faço a mulher do Seu Jorge. Fiz também um filme com a Grace Passô, dirigido pelo Ricardo Alves Jr., que é meio de terror (e tem um nome provisório de "A Professora de Piano"). Estou ainda em "Cartas Para...", da Vânia Lima, um documentário bonito demais. No segundo semestre, o espetáculo "Princípio do Mundo" volta aos palcos. Estou apaixonada por esse trabalho, todo em poesia rimada. Já os livros da Edite vão virar série.

SERVIÇO

ENSAIO PARA UMA IDEIA, O IMPRIVISO DA GRIÔ

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983)
De 3 a 31/5, sempre aos domingos (18h)
Ingressos: R\$ 100, R\$ 50 (meia) e R\$ 80 (ingresso solidário, levando 1kg de alimento não perecível)

CRÍTICA TEATRO | AS CENTENÁRIAS

POR **CLÁUDIO HANDREY** - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Num ideário de Andrea Alves e Juliana Linhares, produção da Sarau, a excelente obra de Newton Moreno, aporta mais uma vez intacta, referta de beleza. Há uma suavidade na finitude que faz a audiência permanecer inebriada pelos vocábulos poeticamente urdidos pelo autor pernambucano. E depara-se com o melhor do popular nordestino e seus cordéis, folguedos, incelenças, abordando a morte ludicamente. Duas mulheres amigas, potências da natureza, são carpideiras que orquestram o ato final, e na tradição milenar cuidam, banham, maquiagem, vestem os falecidos, entoando lamentos e cantigas fúnebres, favorecendo uma atmosfera de absoluta comoção. A maternidade é a força motriz da peça, na qual morte e renascimento enlaçam-se para catapultarem vida, onde o tempo constrói amizade e resiliência.

Luiz Carlos Vasconcelos fabrica sua montagem com sapiência, enaltecendo a proposta dramática, equalizando dor e humor, eclodindo a tragicomédia que habita em nós. Conduz seu elenco poderosamente, costurando marcas inventivas que privilegiam a cena e a contracena. O momento em que Genésio é entregue à outra família e todo o desenrolar do simbólico tecido é de extrema delicadeza e teatralidade. Equilibra seu espetáculo, onde tudo dialoga equitativamente.



É comovente a simbiose estabelecida entre Laila Garin e Juliana Linhares, em composições repletas de minúcias nesta versão musicada do belo texto de Newton Moreno

Epifania sertaneja

É comovente a simbiose estabelecida entre Laila Garin e Juliana Linhares, em composições repletas de minúcias. No alto de sua maturidade, Garin desenha uma Socorro primorosa. As cenas nas quais a

personagem revela ser feia e quando torna-se Deus, são impagáveis. O corpo da intérprete de Zaninha é talhado para o ofício. Talentosa, a atriz aproveita cada detalhe quando fingi estar doente para seduzir seu

Nonato, com variações de tons que enriquecem seu trabalho potente. Leandro Castilho abrilhanta-se em suas várias personagens. Todos cantam, encantam e evoluem em comunhão, amparados por precisa

direção corporal de Vanessa Garcia e ótima direção musical de Elísio Freitas.

Aurora dos Campos cria uma estrutura de madeira funcional, que simboliza porta, igreja, ataúde, além de pernas e rotunda com tecido assemelhando-se ao revestimento de caixão. Kika Lopes e Heloisa Stockler trajam as atrizes numa paleta predominantemente preta, enriquecida com variações de textura (renda, tule, fazendas rústicas), fomentando uma profundidade visual. As silhuetas são volumosas e estruturadas, sobretudo as saias, ampliando a presença das personagens e deslocando o realismo para um campo simbólico. Amarrações, sobreposições e acabamentos em referência nordestina, além da impactante vestimenta avermelhada para a morte, no ator. A visagista Mona Magalhães mistura cordas, tranças, véus e redes, personalizando entidades. As inspiradas letras e músicas de Chico César são mágicas e auxiliam à escritura cênica. E a luz propositalmente sombria de Elisa Tandeta.

O teatro é uma fênix, assim como “As Centenárias” traduzem o eterno recomeçar.

SERVIÇO

AS CENTENÁRIAS

Teatro Carlos Gomes (Praça Tiradentes, s/nº, Centro)
Até 10/5, às quintas e sextas (19h) | sábados e domingos (17h)
Ingressos a partir de R\$ 50

NA RIBALTA

POR **AFFONSO NUNES**



REnato Mangolin/Divulgação

Nas searas do desejo

A Cia PeQuod – Teatro de Animação apresenta “O Desejo” no Sesc Copacabana até domingo (3). O espetáculo marca o retorno da companhia à dança após 12 anos e reúne atores-manipuladores, bonecos e movimento em três quadros que exploram o desejo sob perspectivas erótica e filosófica. Nos últimos anos, a PeQuod enveredou por uma dinâmica de pesquisa e debates sobre “O Desejo” sob vários ângulos. Dirigida por Miguel Vellinho, a montagem traz participações do bailarino Bruno Cezario e da cantora Simone Mazzer.



Divulgação

Viva México!

“Viva – A Vida É Uma Festa: In Concert” encerra temporada no Teatro Riachuelo neste domingo (3) com uma experiência imersiva audiovisual única. O filme é exibido simultaneamente à apresentação ao vivo de orquestra, cantores, coreografias e efeitos cênicos. A produção celebra a rica cultura mexicana e valores latinos em geral num espetáculo que transporta o público a um universo onde o respeito às tradições familiares é marcado pela emoção e alegria. De sexta a domingo, com sessões às 11h e 15h.



Divulgação

Brincando com música

O cantor, compositor e ator Alan Rocha apresenta neste domingo (3), na Ecovilla Ri Happy, “Clube Akorin – Musicalizar Brincando”, um show musical para crianças e adultos. Com músicas autorais e da cultura popular, o projeto explora o fazer musical através de brincadeiras e vivências interativas. Em parceria com Semadha S. Rodrigues, o espetáculo idealizado por Rocha, que também é professor de musicalização infantil, valoriza a cultura afrobrasileira, estimulando criatividade e liberdade das crianças.



Divulgação/ Todo Mundo no Rio

Shakira é a atração da vez do projeto Todo Mundo no Rio, com megashows na Praia de Copacabana

Shakira terá a maior plateia de sua vida

Estrela pop colombiana apresenta na Praia de Copacabana show que deve mesclar antigos hit com o repertório de seu álbum mais recente

MARCELO PERILLIER

A divulgação de uma playlist no Spotify tem levantado pistas sobre o possível repertório que Shakira deve apresentar no aguardado show gratuito deste sábado (2), na Praia de Copacabana, que deverá se tornar o maior público da artista numa só noite. Intitulada “Shakira no Rio”, a seleção reúne alguns dos maiores sucessos da carreira da artista, indicando um espetáculo voltado tanto para fãs antigos quanto para o grande público.

Entre as músicas listadas estão hits globais como “Suerte (Whenever, Wherever)”, “Hips Don’t Lie”, “Waka Waka” e “She Wolf”, além de faixas mais antigas e queridas pelos fãs, como “Estoy Aquí”, “Pies Descalzos, Sueños Blancos”, “Antología” e “Dónde Estás Corazón”. Canções mais românticas, como “Underneath Your Clothes” e “Día de Enero”, também aparecem, sugerindo um show com momentos mais intimistas intercalados com performances energéticas. A presença dessas faixas reforça a expectativa de um setlist abrangente, que percorre diferentes fases da trajetória da cantora.



Wikimedia Commons

Megashow de Shakira tem repercussão pelas redes sociais

Além disso, há especulações sobre participações especiais. Um dos rumores mais comentados envolve a presença de Anitta no palco. As duas artistas colaboraram recentemente na música “Choka Choka”, do álbum Equilibrium, e a brasileira chegou a mencionar a parceria em entrevista ao Flow Podcast. Caso a participação se confirme, será a primeira vez que elas apresentam a canção juntas ao vivo: um momento que tem potencial para ser um dos pontos altos do show. Vale lembrar que Anitta já interpretou a faixa anteriormente no programa Saturday Night Live, mas sem a presença de Shakira.

Mesmo com as especulações, especialistas apontam que grandes turnês costumam manter uma es-

trutura relativamente fixa, com pequenas adaptações de acordo com o público e o local. Assim, é provável que o show em Copacabana siga o padrão já visto em outras cidades da turnê “Las Mujeres Ya No Lloran World Tour”, combinando coreografias elaboradas, trocas de figurino e efeitos visuais com uma sequência de sucessos já consagrados.

Estrutura grandiosa

A produção do evento promete impressionar também pela dimensão do palco. De acordo com a empresa Bonus Track, responsável pela realização, a estrutura montada na areia terá 1.345 m², superando as edições anteriores do projeto “Todo Mundo no Rio”, que já contou com apresentações de Madonna em

Para efeito de comparação, o show de Lady Gaga utilizou uma estrutura de cerca de 1.260 m², com 800 m² de painéis de LED, enquanto o de Madonna contou com um palco menor, de 821 m², mas com três passarelas. A expectativa dos organizadores é que Shakira não apenas supere esses números em termos de estrutura, mas também em público, ultrapassando a marca de 2,1 milhões de pessoas registrada no evento de 2025.

Turnê de recordes

A turnê Las Mujeres Ya No Lloran World Tour já entrou para a história como a mais lucrativa entre artistas latinos. Segundo dados da Billboard, a série de apresentações acumulou US\$ 421,6 milhões em bilheteria (cerca de R\$ 2,2 bilhões), superando o recorde anterior de Luis Miguel.

Esse desempenho é resultado de uma agenda intensa, com 82 shows realizados em grandes estádios da América Latina e dos Estados Unidos, reunindo mais de 3,3 milhões de fãs. A turnê mistura elementos visuais sofisticados com performances marcadas pela energia característica da artista, consolidando sua posição como uma das maiores estrelas da música pop mundial.

No Brasil, Shakira se apresentou no Rio em fevereiro de 2025, no Engenhão. Em declarações recentes, a artista destacou que o sucesso da turnê representa não apenas números expressivos, mas também o reconhecimento de mais de 30 anos de carreira. Ela ressaltou que a relação construída com os fãs ao longo do tempo é o principal fator por trás desse êxito.

Nos últimos meses, Shakira recebeu importantes reconhecimentos da indústria musical, incluindo o Global Touring Icon Award, concedido pela Billboard. Além disso, a turnê concorre ao prêmio de melhor turnê latina do ano da Pollstar, reforçando seu impacto no cenário global.

Um dos momentos mais emblemáticos dessa fase aconteceu na Cidade do México, onde a cantora realizou 12 apresentações consecutivas no Estádio GNP Seguros, todas com ingressos esgotados. Com capacidade para cerca de 65 mil pessoas por noite, os shows reuniram aproximadamente 780 mil espectadores: um recorde histórico para o local.

Diante da demanda excepcional, uma 13ª apresentação foi adicionada ao calendário, encerrando a passagem da artista pela capital mexicana em grande estilo e consolidando um dos capítulos mais marcantes da turnê.

SERVIÇO

SHAKIRA - LAS MUJERES YA NO LLORAN

Praia de Copacabana
2/5, às 21h45

Entrada franca

Transmissão ao vivo: TV Globo, Multishow e Globoplay

2024 e Lady Gaga em 2025.

O palco contará com uma passarela de 25 metros que avança em direção ao público, além de cerca de 500 m² de painéis de LED de alta definição e uma base elevada a 2,20 metros de altura. Ao longo da orla de Copacabana, serão distribuídas 16 torres com sistemas de som e vídeo, cada uma equipada com telões de aproximadamente 45 m², garantindo visibilidade mesmo para quem estiver mais distante.

O evento terá transmissão ao vivo por diferentes plataformas, incluindo a TV Globo, o canal Multishow e o serviço de streaming Globoplay, ampliando o alcance do espetáculo para milhões de espectadores no Brasil e no exterior.

Seguindo as luzes do **SUCESSO**

Iniciada na Bahia, nova turnê dos Gilsons chega ao rio nesta sexta no palco do Vivo Rio

Chega ao Rio nesta sexta-feira (1) o terceiro show da turnê “Eu Vejo Luz”, dos Gilsons, aberta no último fim de semana com apresentações em Salvador e Juazeiro (BA). O grupo traz para o palco do Vivo Rio o repertório de seu segundo álbum de estúdio, “Eu Vejo Luz Em Maior Proporção Do Que Eu Vejo A Escuridão”, no Vivo Rio. O disco, lançado em março, representa um momento de amadurecimento artístico para o grupo formado por José, João e Francisco Gil, que cresceram imersos em referências musicais de múltiplas gerações do clã liderado pelo patriarca Gilberto.

Desde sua festejada estreia em 2018, o trio combina elementos de MPB com uma abordagem contemporânea que incorpora influências de pop, axé e soul music. O primeiro álbum, “Pra Gente Acordar” (2022), rendeu indicações ao Grammy Latino, Prêmio Multishow e Prêmio da Música Brasileira, além de presença em festivais como Rock in Rio, Lol-

lapalooza e Coala Festival. Músicas como “Várias Queixas”, “Love Love”, “Devagarinho” e “Deixa Fluir” circularam em plataformas de streaming e colaborações com Julia Mestre, Lagum, Rachel Reis e outros artistas ampliaram o alcance do grupo em apresentações que registraram lotação esgotada em cidades como Buenos Aires, Montevidéu, Nova York, Londres, Dublin e Amsterdã.

O novo álbum marca uma expansão sonora que, segundo críticas publicadas em veículos como G1 e Billboard Brasil, aponta para uma dualidade complementar entre leveza e lirismo. O disco traz dez faixas e participações de nomes como Arnaldo Antunes, Narcizinho (do Olodum), Julia Mestre, a multi-instrumentista Sona Jobarteh e membros da família Veloso — Caetano, Moreno e Tom. A composição inclui trabalhos feitos em parceria com Narcizinho Santos e Jocimar Lopes Cunha, expandindo o universo sonoro do trio. Em entrevista à Billboard Brasil, Francisco Gil descreveu o disco como um espaço de cuidado: “Tiveram momentos em



O trio formado por Francisco, João e José Gil segue uma trajetória de sucesso desde seu surgimento há seis anos

que a música foi mais sobre acolher do que criar. Estar junto, cuidar um do outro, respeitar os silêncios”.

A turnê “Eu Vejo Luz” passa por mais de 30 cidades confirmadas no Brasil — entre elas Salvador, Porto Alegre, Campinas, Florianópolis, Natal, Maceió, Recife, Brasília e São

Paulo — e segue para apresentações internacionais em países como Dinamarca, Alemanha, Espanha, França, Nova Zelândia, Austrália e Portugal. O calendário inclui datas em cidades como Karlsruhe (Alemanha), em julho, e continuará ao longo dos próximos meses.

SERVIÇO

GILSONS - EU VEJO LUZ

Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85 - Parque do Flamengo)
1/5, às 20h

Ingressos a partir de R\$ 220 e R\$ 110 (meia)

Noite de **Música Preta Brasileira**

Ana Costa e Nilze Carvalho interpretam sambas e jongs de compositores como Arlindo Cruz e D. Ivone Lara, entre outros

Integrantes do primeiro time do samba carioca, as bambas Nilze Carvalho e Ana Costa têm encontro marcado com o público no palco do Blue Note Rio nesta sexta-feira (1) para apresentar “A Vida Que Se Quer”, um projeto que reúne composições de artistas negros da música brasileira. O espetáculo traz cavaquinho, bandolim, violões e

baixo como alicerces sonoros, complementados pelas vozes das duas cantoras e pela percussão minimalista de Paulino Dias.

Cria de Nova Iguaço, Nilze iniciou sua carreira aos cinco anos tocando cavaquinho e gravou sua série “Choro De Menina” entre os 11 e 14 anos. Bandolinista, cavaquinista, compositora e cantora, ela trabalha



Ana Costa e Nilze Carvalho reverenciam compositores negros

SERVIÇO

NILZE CARVALHO & ANA COSTA - A VIDA QUE SE QUER

Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana)
1/5, às 20h

Ingressos a partir de R\$ 60

com choro, samba e MPB, tendo co-fundado o grupo Sururu na Roda em 2000. Cantora, compositora, instrumentista e produtora musical, Ana começou sua carreira nos anos 1990 em grupos como Coeur-Sambá e Roda de Saia, consolidando-se como referência em

samba e música popular brasileira.

O repertório selecionado pela dupla passa por pérolas do jongo e do samba-enredo de criadores como Arlindo Cruz e Dona Ivone Lara, além de outras vozes negras que marcaram a história musical do país. Segundo Nilze, o projeto

busca trazer “canções que falam de cor, que lembram das lutas negras e trazem ritmos bastante africanos”. “Pensamos neste Brasil preto, selecionamos inúmeras possibilidades e ficaríamos aqui por meses saudando essa temática com o que há de melhor na música”, completa Ana.

AFFONSO NUNES

A Revisiting Creedence se apresenta nesta sexta (1), às 21h30, no Qualistage, encerrando giro por nove cidades brasileiras com o repertório que consolidou o Creedence Clearwater Revival como uma das bandas mais influentes do rock. À frente do projeto estão Dan McGuinness na voz e Kurt Griffey na guitarra, músicos que passaram mais de uma década em turnês internacionais ao lado de Stu Cook e Doug “Cosmo” Clifford, integrantes originais do CCR.

O Creedence Clearwater Revival foi formado no final dos anos 1960 em El Cerrito, Califórnia, pelos irmãos John e Tom Fogerty, além de Stu Cook e Doug Clifford. A banda se destacou por uma sonoridade que mesclava rock, blues e influências do sul dos Estados Unidos, consolidando-se como fenômeno comercial e artístico entre 1969 e 1972. Nesse período, lançou cinco álbuns de estúdio que geraram sucessos retubantes como “Have You Ever Seen the Rain?”, “Green River”, “Bad Moon Rising”, “Proud Mary” e “Fortunate Son”, além de versões memoráveis de clássicos como “I Heard It Through the Grapevine” e “Susie Q”. O grupo se dis-



Don McGuinness, Kurt Griffey, Ron Wikso e Mick Mahan formam o Revisiting Creedence

Como nos (bons e velhos) tempos do Creedence

Banda com músicos que acompanharam membros originais do CCR encerra no Rio turnê brasileira com clássicos do rock dos anos 1960 e 70

solveu em 1972, após apenas três anos de atividade intensa, deixando uma obra que permanece como referência no chamado classic rock.

A Revisiting Creedence resgata essa riquíssima herança musical com um repertório que inclui os maiores sucessos da banda original, apresentando versões estendidas que evidenciam a potência instrumental do grupo, cuja formação é completada por Ron Wikso (bateria) e Mick Mahan (baixo).

SERVIÇO

REVISITING CREEDENCE

Qualistage (Avenida Ayrton Senna, 3000 — Barra da Tijuca) | 1/5, às 21h30
Ingressos a partir de R\$ 100

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Danilo Caymmi celebra legado do pai Dorival

Danilo Caymmi apresenta-se no Manouche nesta quinta-feira (30), às 21h, em edição única para celebrar o aniversário de seu pai, Dorival Caymmi. Acompanhado pelo maestro Flávio Mendes ao violão, o cantor e flautista propõe um olhar pessoal sobre a obra do compositor baiano, priorizando a essência das composições e a narrativa de saudade de um mestre da MPB.



Arthur Rangel/Divulgação

Noite de humor e metaaaaal no Circo Voador

Que se abram os portões do metaaaaal! A Massacration apresenta-se no Circo Voador neste sábado (2) com a turnê “20 Years Tour: Gates Of Metal Fried Chicken Of Death”, que revisita seu álbum de estreia de 2002, um marco do humor (e do metal) nacional. Detonator, Metal Avenger, Headmaster, Redhead Hammet e Jimmy The Hammer, tocam clássicos como “Metal Is The Law” e “Evil Papagali”.



Divulgação

Aquele forró temperadinho com elegância

Pedro Miranda e o Forró Da Gávea apresentam-se no Manouche nesta sexta (1) com repertório que homenageia mestres como Gonzagão e Dominginhos. O grupo, formado por Durval Pereira, Rafael Dos Anjos, Pedro Aune e Rodrigo Ramalho, combina a sonoridade tradicional do forró com elementos jazzísticos. O setlist inclui clássicos de Dominginhos, Sivuca e Caetano Veloso, entre outros.



Arthur Rangel/Divulgação

Seletivas do Porão do Rock neste feriado

O Porão do Rock chega ao Circo Voador nesta sexta (1) entregando um show pesado do Matanza Ritual (foto) com participação da Trampa + 10 bandas que vão disputar uma vaga pra tocar no festival. São elas: Emet, Ereboros, Fire in the park, Herança negra, Pic-Nic, Playmoboys, Primadama, Silvertape, Sound bullet e Trama. As seletivas são uma das partes mais importantes da cena de rock no Brasil todo.



Raony Correia/Divulgação

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Coroada em 2026 com lãureas em Berlim, Veneza e Cannes, com filmes do Equador (“Hiedra”), México (“En El Camino”), Chile (“O Olhar Misterioso do Flamingo”) e muita coisa do Brasil (como “O Último Azul” e “O Agente Secreto”), a América Latina emplacou um cult a mais, por vias colombianas, que, apesar de arrebatador elogios e troféus, ficou sem espaço em tela grande entre nós: “Um Poeta”. Desde maio passado, esse longa-metragem de Simón Mesa Soto, projetado no Festival do Rio, não para de dar alegria para o continente. Ganhou o Prêmio do Júri da mostra Un Certain Regard da Croisette, em sua estreia, e não parou mais de conquistar espaços... e aplauso.

Seu currículo de conquistas soma 11 vitórias e um mar de críticas boas. Um de seus mais expressivos feitos foi ganhar a competição Horizontes Latinos na Espanha, no Festival de San Sebastián. Agora, chegou a vez de conquistar o streaming brasileiro. Está na plataforma do Telecine, o que lhe habilita acesso também pela Prime Video.

Tem muito tempo que a Colômbia não é listada entre as sensações cinematográfica de uma temporada. Isso ocorreu com peso há onze anos, quando “O Abraço da Serpente”, de Ciro Guerra, explodiu na Quinzena de Cineastas de Cannes. Em 2022, houve outra lufada de êxito vinda de lá, com “Los Reyes Del Mundo”, de Laura Mora, que ganhou a Concha de Ouro, na já citada San Sebastián. No entanto, a onda de entusiasmo que “Um Poeta” gera não parece ter igual entre os acertos autorais da pátria que emplacou joias como “A Vendedora de Rosas” (1998), de Victor Gaviria, hoje na MUBI.

Seria um sonho para Oscar Restrepo, protagonista de “Um Poeta”, um dia ser capaz de publicar versos como os de “De Los Gozos Del Cuerpo”, de Harold Alvarado Tenorio, seu conterrâneo, mais velho (hoje octogenário... e aclamado), que escreveu (na vida real) estrofes de sabedoria. Segundo ele: “A amizade, velha moeda errante, agora é oferecida por anciães, / doentes, animais, bêbados e loucos. / Nada sabem, os homens, dela: a fugitiva dos séculos”. Esse é o tipo de ensinamento de que Oscar precisava no seu périplo profissional pela arte de escrever. O anseio de ser grande – no continente que gerou Gabriela Mistral, Cecília Meirelles, Carlos Drummond de Andrade, Pablo Neruda, Raúl Zurita, Bruna Mitrano, Meira Delmar – levou a personagem central do longa de Mesa Soto a



Ubeimar Ríos é um aspirante a Carlos Drummond que faz da poesia um sonho... afogado em álcool

O trovador de Medellín

Vencedor da mostra Horizontes Latinos de San Sebastián e premiado em Cannes, ‘Um Poeta’ leva para as plataformas nacionais de streaming a força do cinema produzido na Colômbia



O diretor Simón Mesa com o diploma do prêmio Horizontes Latinos em San Sebastián

dedicar a vida à profissão da escritora. Só não teve o cuidado de manear na bebida e de saber frear a língua feroz. A falta de cuidado com esses dois aspectos impediu que a sua potência virasse ato. Assim, só lhe resta lamentar.

Diferentemente do motorista de ônibus metido a Baudelaire de “Paterson” (2016), do já citado Jim Jarmusch, que era um tipo

cheio de alegria, Oscar é sorumbático. Perder é sua sina.

Na trama, filmada em Super 16mm pelo realizador de “Leidi” (Palma de Ouro de Curta de Cannes em 2014), Oscar (interpretado com fluidez por Ubeimar Ríos, um ator não-profissional) teve a chance de lançar dois livros e de dar aulas, o que, nem de longe, aplaca seu apetite

por prestígio. A obra de criadores como Alvarado Tenorio faz parte dos debates que ele tem com colegas de Letras ao mesurar o patrimônio poético de sua Colômbia, lutando mais por uns do que por outros. A pátria de Gabriel García Márquez viu brotar muitos faróis na literatura. Oscar almeja ser um. Se bebesse menos, era mais fácil chegar lá e não es-

taria, já quarentão, à mercê do quarto que tem na casa da mãe, rejeitado por entes queridos que poderiam amá-lo.

O verbo “desistir” é imposto pela vida a Oscar como um norte inescapável. A crença de que o poema pode levar quem escreve e quem lê à transcendência é o único combustível do seu sonho e da sua coragem. Essa gasolina parece encher também o tanque de uma jovem, Yurlady (Rebeca Andrade), que demonstra ter um talento nato para metáforas, metonímias, aliterações, zeugmas e outras manhas do vernáculo espanhol. Na Medellín filmada por Mesa Soto numa fronteira ténue do naturalismo, ela é um indício de que a chama da invenção lírica arde onde o determinismo económico impõe silêncio e ausência.

Sob a granulação no quadro composto pelo diretor de fotografia Juan Sarmiento G., “Um Poeta” põe os lugares comuns históricos de aspereza da América Latina em foco ao mapear a construção de um projeto de parceria artesanal (entre mestre e aprendiz) num rastreio do que a euforia literária pode gerar de transformação prática. Oscar vê em Yurlady uma voz capaz de mudar os paradigmas da poesia na Colômbia. Nela existe virtude estética e a vivência singular das angústias da escassez. A questão: talvez ela só queira ser uma adolescente que faz as unhas enquanto curte, suavemente, o passar dos dias. Para a dinâmica cultural do assistencialismo, ela é um prato cheio para bolsas, projetos de incentivos, verbas públicas. Para Oscar, ela é a projeção do que ele não chegou a ser.

Com delicadeza e cirúrgica mirada sociológica, Mesa Soto foi premiado ainda em Lima, em Munique e em Melbourne. Pedra alguma parece estar em seu caminho. Ainda mais agora, que a streaminguesfera abraça sua excelência.

SEXTOU! U M D F D E

PROJETO

Projeto Borboleteia

✳O projeto Borboleteia chega ao Distrito Federal como uma experiência cênica que une arte, espiritualidade e memória. Criada e interpretada pela multiartista Nathália Sol, a obra convida o público a uma imersão entre corpo, ancestralidade e transformação, inspirada em culturas populares e saberes do sagrado feminino. Além das apresentações, a iniciativa promove rodas de conversa e aulas de dança, ampliando o diálogo com o público. A circulação ocorre entre maio e junho, com sessões no Teatro de Sobradinho, Espaço Cultural Renato Russo e Complexo Cultural de Planaltina, com ingressos a partir de R\$ 10, propondo uma jornada poética sobre metamorfose e reconexão com a essência da vida.

Atendimento psicológico

✳O coletivo Distrito Drag, em parceria com o Centro Universitário UDF, está com vagas abertas para o projeto Plantão de Atendimento Psicológico, que oferece atendimento gratuito voltado prioritariamente à população LGBTQIA+. O serviço é realizado na sede do coletivo e busca garantir acolhimento com respeito à diversidade. A equipe é preparada para lidar com questões relacionadas a gênero, identidade e raça, especialmente em contextos de vulnerabilidade social. A iniciativa surge diante de dados que apontam altos índices de adoecimento mental nesse público e integra ações voltadas à promoção da saúde e do bem-estar.

Projeto 60+

✳O projeto ARTEridade tem promovido envelhecimento saudável e fortalecimento emocional entre pessoas com mais de 60 anos no Distrito Federal. Realizada no Espaço Cultural Mapati, na 707 Norte, a iniciativa oferece oficinas gratuitas que estimulam a convivência e o combate ao isolamento social. O espaço se tornou ponto de acolhimento e troca de experiências, contribuindo para a socialização e a melhora da autoestima dos participantes

CINEMA

Relançamento de "Lua Nova"

✳O Cine Brasília recebe o relançamento de "Lua Nova", segundo filme da saga Crepúsculo, em duas sessões especiais



Projeto Cultural é destaque em Brasília



Distrito Drag e UDF oferecem atendimento psicológico gratuito

culo, em duas sessões especiais entre 30 de abril e 6 de maio, celebrando os 20 anos da série literária que marcou uma geração. Lançado em 2009, o longa acompanha Bella Swan após a partida de Edward Cullen e sua aproximação com Jacob Black, ampliando os conflitos entre vampiros e lobisomens. A programação inclui ainda a estreia do documentário Manguêbit, sobre o movimento manguêbeat, e a permanência de filmes como Suspiria, Cinco Tipos de Medo e Super Mario Galaxy: O Filme, além de sessões gratuitas do BIFF 2026.

ct_texto_SERVIÇÃO_evento

✳O BIFF 2026 – Brasília International Film Festival começou nesta semana no Cine Brasília, com entrada gratuita e acesso por ordem de chegada. A abertura, às 19h, contará com a exibição do filme Fanon, de Jean-Claude Barny, e do clássico brasileiro Momento Trágico, de Cibele Amaral, homenageada desta edição. O festival também apresenta sessões do BIFF Junior, com dublagem ao vivo, e programação dedicada ao cinema nacional e internacional. A identidade visual desta edição foi desenvolvida em parceria



Projeto ARTEridade

com a Fundação Athos Bulcão, reforçando a valorização cultural da capital.

TEATRO

"Entre Elas"

✳O espetáculo "Entre Elas" apresenta a história de três professoras que enfrentam situações inesperadas durante uma viagem e acabam reunidas em uma cela de prisão. A comédia aborda, com humor e emoção, temas do universo feminino ainda considerados tabus, como afetos, conflitos e confissões. Com texto e direção de Márcia

Marmori, a peça foi inspirada em experiências pessoais da autora. O elenco reúne Elisange Oliveira, Gelly Saigg e Léo Thilé. A circulação contará com 10 apresentações gratuitas em Taguatinga e no Gama, incluindo sessões para estudantes da rede pública e para o público geral.

Leila Pinheiro

✳A Caixa Cultural Brasília recebe, de 7 a 10 de maio, a cantora Leila Pinheiro em temporada especial que celebra seus 45 anos de carreira. No show "Viva Meu Samba", a artista revisita clássicos do gênero e inter-

Divulgação

Divulgação

Divulgação

Sinônimo vivo de boa atuação, Meryl Streep se firma, aos 76 anos, como um infalível ímã de boas bilheterias a julgar pela corrida popular atrás de 'O Diabo Veste Prada 2'

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Pouco tempo depois de terminadas as filmagens de "Ironweed" (1987), um drama no qual divide a tela com Jack Nicholson, Meryl Streep convidou seu diretor, o argentino naturalizado brasileiro Hector Babenco (1946-2016), para uma tarde frugal, regada a pãozinhos, quitutes mil e passeio ao ar livre, a fim de agradecer a ele por um de seus trabalhos mais viscerais. Ela não apareceu ao convívio de conagração da equipe, ao fim da rodagem, o que poderia ter soado rude para uma então jovem estrela. Compensou a ausência coroando o realizador de "Pixote" (1980) com uma troca amistosa. Sua afetuosidade é notória em Hollywood, abrindo exceção só quando Donald Trump é o assunto.

Com o atual presidente dos EUA, a atriz de 76 anos não costuma ser doce – tampouco ele com ela –, preferindo evocar o que aprendeu com Miranda Priestly, a jornalista de hábitos nada empáticos que virou uma de suas mais famosas personagens. Há 20 anos, "O Diabo Veste Prada" – que passa na "Sessão da Tarde" da TV Globo, nesta quinta, às 15h40 – fez fortuna em circuito. Custou US\$ 35 milhões e faturou US\$ 326 milhões, ampliando o montante das cifras acumuladas por Meryl desde sua estreia, em 1977, estimada em US\$ 2,1 bilhões. A parte dois das aventuras de Miranda, ao lado da outrora assistente Andy (Anne Hathaway), é a maior aposta de lucro de multiplexes de todo o planeta neste fim de semana, mesmo com a firme concorrência de "Michael" (a biografia de Michael Jackson) e da animação "Super Mario Galaxy: O Filme", com "Zico: O Samurai de Quintino" prometendo horrores aqui no Brasil.



Divulgação

A mulher de 2 bilhões de dólares

Meryl Streep promete mais um sucesso de bilheteria em 'O Diabo Veste Prada 2'



Divulgação

Meryl com De Niro em 'Amor À Primeira Vista'

"Eu mal consigo me lembrar os enredos dos filmes que eu fiz", desabafou Meryl ao Correio da Manhã, numa entrevista no Festival de Veneza.

Diva com o maior número de indicações ao Oscar da História (nomeada 21 vezes e três vezes premiada), Mary Louise Meryl Streep é parte essencial da chamada Easy Rider Generation, a turma de talentos que, de 1967 a 1981, fez dos Estados Unidos uma usina de filmes libertários, moralmente ousados, e muito rentáveis. De todos os grandes astros de sua geração, só ela e Robert De Niro – com quem trabalhou em "O Franco Atirador", de 1978; em "Amor À Primeira Vista", de 1984; e "As Filhas de Marvin", de 1996 – seguem mobilizando multidões.

Al Pacino só quer saber de teatro e Dustin Hoffman acabou sendo escanteado por culpa de seu temperamento nada fácil. De Niro regressa às telonas em no-

vembro, retomando uma de suas franquias mais rentáveis ("Meet The Parents") em "Entrando Na Maior Fria", com Ben Stiller e Ariana Grande. Já Meryl participou, já este ano, do elenco de vozes de um blockbuster: a animação Disney "Cara de Um, Focinho Do Outro". Sua personagem, a Abelha Rainha, é dublada aqui por Renata Sorrah.

O retorno de Miranda Priestly em "O Diabo Veste Prada 2" chega na esteira da consagração de sua intérprete com a Palma de Ouro Honorária do Festival de Cannes, entregue a ela em 2024 - de de 2025 foi dada a De Niro.

"Hoje, eu levo uma vida calma e não desfruto de muito respeito em casa. Tenho quatro filhos e cinco netos. Você imagina que eu não tenho muito tempo para sentar e ver filmes, mas no fim de cada ano, ali entre o Dia de Ação de Graças e o dia 1 de janeiro, eu preciso ver tudo o que disputa uma vaga no Oscar e são,

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Nos anos 2000, o hoje nonagenário produtor Luiz Carlos Barreto cunhou a expressão “motel de filme” para definir o comportamento de salas de exibição que limitam filmes – sobretudo aqueles sem o lastro de Hollywood – a uma, no máximo, duas sessões por dia, em rotatividade tão cronometrada que limita o acesso do público. Fala-se ainda em “circuito fast-food”. Diante da dificuldade de espaços para narrativas independentes, principalmente as brasileiras, o Cine Satyros Bijou encontrou uma forma alternativa de dar visibilidade às expressões poéticas deste país com a mostra Cine Brasil.

Agendada de 1º a 24 de maio, na charmosa sala de São Paulo da Praça Roosevelt, o evento é uma celebração da diversidade estética, regional e narrativa da produção nacional, abrangendo vozes autorais consolidadas em longas e curtas-metragens avessos a algoritmos. É o caso do título de abertura, “A Fome Tem Pressa”, de Zarella Neto, escalado para esta sexta, às 21h.

Nele, Zarella faz um retrato da insegurança alimentar no Brasil, acompanhando famílias que lutam diariamente para garantir o básico enquanto enfrentam desigualdades históricas e políticas públicas insuficientes. Guilherme Marback, programador do Cine Satyros Bijou, justifica a presença desse título ao ressaltar que ele integra um coletivo sedento por gerar reflexão.

“Queremos que as pessoas se reconheçam nas telas, descubram novas vozes e percebam a força criativa de cineastas que fazem um cinema autoral, que muitas vezes enfrentam problemas de distribuição de seus filmes e ficam fora dos holofotes da grande mídia. A maioria dos filmes é de produções paulistanas, mesclando novos e experientes cineastas”, diz Marback.

Um dos diretores de maior participação na mostra é Francisco Garcia, cronista de inquietudes. Ele assina os curtas “Macaréu”, que passa no sábado; “Desequilíbrio”, agendado para o dia 9/5. No dia 8, entra no Bijou com o obrigatório “Cores”, estrelado por Simone Iliescu, Acauã Sol e Pedro di Pietro. Em sua trama, três jovens enfrentam a precariedade do trabalho e a falta de perspectivas na São Paulo contemporânea, em um retrato sensível da juventude periférica. De um lado está Luiz, que trabalha em uma farmácia; do outro, sua namorada Luara, que, durante sua rotina de trabalho numa loja de animais, sonha em fazer uma longa viagem; e Luca, que montou um estúdio de tatuagem, mas vive com o dinheiro que rouba de sua avó. A produção, pavimentada sobre um trabalho meticuloso de



‘Amores Urbanos’ é um poema sobre afetos em SP

Brasis na tela do Bijou

Cinema da Praça Roosevelt, em São Paulo, promove maratona de curtas e longas nacionais que não tiveram, em circuito, um espaço à altura de suas ousadias e de suas investigações



O belíssimo ‘Cores’ levou o Brasil à competição Novos Diretores de San Sebastián



‘Vou-me Embora’ é um retrato das migrações numa grande metrópole

fotografia de Alziro Barbosa, concorreu na seção Novos Diretores do Festival de San Sebastián, na Espanha, em 2012.

No dia 15, às 21h, o Bijou acolhe um poema de amor de Vera Egito que teve ralo espaço em cartaz:

“Amores Urbanos”, de 2016. Nesse roteiro, três amigos, Micaela (Renate Gaspar), Diego (Thiago Pethit) e Júlia (Maria Laura Nogueira), dividem afetos, crises e descobertas na São Paulo contemporânea, em uma narrativa sobre amizade, desejo e

amadurecimento.

O encerramento da Mostra Cine Brasil ficou a cargo de um estudo sobre deslocamentos: “Vou-Me Embora”, de Denise Szabo. No filme, a diretora mergulha nas raízes da migração nordestina

A PROGRAMAÇÃO DIA A DIA

1/5 — “A Fome Tem Pressa”, de Zarella Neto

2/5 — “Cinema Sem Teto”, de Denise Szabo; “Beth Beli Maestra”, de Beto Brant; “Macaréu”, de Francisco Garcia

3/5 — “São Paulo em Hi-Fi”, de Lufe Steffen

8/5 — “Cores”, de Francisco Garcia

9/5 — “Eu Só Queria Comer”, de Elder Fraga; “Desequilíbrio”, de Francisco Garcia; “Baile na Curva”, de Bruno Autran

10/5 — “Kati Ranpari Kin”, de Sérgio Gag

15/5 — “Amores Urbanos”, de Vera Egito

16/5 — “O Caderno de Pacha”, de Pedro Urizzi e Estevan Muniz; “Casulo”, de Aline Flores; “Mãe”, de João Monteiro

17/5 — “Anhangabaú”, de Lufe Bollini

22/5 — “#Eagoraoque”, de Rubens Rewald e Jean-Claude Bernardet

23/5 — “Ouroboros”, de Guilherme Andrade; “Raposa”, de João Fontenele e Margot Leitão; “A Vida do Fósforo Não É Bolinho, Gatinho”, de Sérgio Silva

24/5 — “Vou-me Embora”, de Denise Szabo

rumo ao ABC Paulista durante o século XX, investigando não apenas o movimento geográfico, mas as camadas profundas de ancestralidade africana e indígena que compõem a identidade desses migrantes.

SÓ CARIOQUICES

por FRED SOARES (@FREDAOSOARES)



Arthur levou seu amor pelo Flamengo para a crônica digital

Foi-se um pedaço da alma rubro-negra

NA SEMANA PASSADA, A GENTE PERDEU o cronista, publicitário e produtor audiovisual Arthur Muhlenberg. E, olha, não foi qualquer perda. Foi daquelas que fazem um silêncio danado no bar, na arquibancada, na resenha. Porque Arthur, antes de tudo, era a tradução viva do espírito carioca: bon vivant, malandro no melhor sentido, ligeiro de pensamento, dono de tiradas que vinham como um drible curto, seco e desconcertante. Um cara que entendia a vida como poucos e escrevia como quem conversasse contigo na mesa de um botequim.

PRA QUEM AINDA NÃO SE DEU CONTA do tamanho da ausência, vale dizer sem medo de exagero: foi um dos maiores cronistas rubro-negros da história. Daqueles que dá pra colocar na mesma prateleira dos gigantes como, por exemplo, Mário Filho e José Lins do Rêgo. Arthur foi, acima de tudo, o grande cronista da era digital, num tempo em que muita gente se desapegou da leitura, ele fazia a turma abrir exceção. Quando era texto dele, nego rapaziada parava. E parava porque ali tinha verdade. Tinha alma. Tinha Flamengo pulsando em cada linha.

ARTHUR ENCARNAVA COMO POUCOS o espírito do torcedor rubro-negro: irreverente, provocador, metido a besta na medida certa - porque ser Flamengo também é isso - mas sempre com um respeito raro pelas outras torcidas. E talvez por isso tenha conquistado algo que não se compra: admiração até de quem estava do outro lado. Não foi por acaso que, no meio de um mar vermelho e preto no velório, surgiu uma camisa do Vasco. Um símbolo silencioso de que, quando a alma do texto é grande, ela ultrapassa qualquer rivalidade.

AO LONGO DE MAIS DE DUAS DÉCADAS, Muhlenberg não só escreveu sobre o Flamengo. Ele ajudou a moldar o que é ser Flamengo. Seus textos não eram só relatos ou opiniões, eram quase manuais de comportamento, crônicas que ensinavam a olhar o clube com orgulho, irreverência e pertencimento. Formou uma geração inteira de rubro-negros que aprenderam com ele que torcer também é um ato de identidade.

E FAZIA ISSO PORQUE ERA UM CRONISTA DAS RUAS. Arthur não escrevia de longe, do escritório. Ele estava no meio do povo, sentindo o calor, ouvindo a resenha, vivendo o que depois virava texto. Era ali, na mistura, que ele captava a essência pra devolver em forma de crônica.

NA MINHA VIDA, FICA TAMBÉM A MARCA DO AMIGO. Sempre generoso, sempre disposto a somar. Em várias das suas produções, fazia questão de me colocar junto, e isso diz muito sobre quem ele era.

A GENTE DIVIDIA, ALÉM DO FLAMENGO, o amor pelo samba. E talvez não exista combinação mais perfeita pra explicar o Arthur: um texto com cadência de tamborim e alma de arquibancada.

ELE MESMO RESUMIU, COMO NINGUÉM, o que é tudo isso: "A principal função social do Clube de Regatas do Flamengo é deixar puto todo mundo que não é Flamengo." E ele dizia isso rindo, com aquela ironia fina de quem sabia que, no fundo, estava falando de algo muito maior: identidade, pertencimento e paixão.

ARTHUR MUHLENBERG SE FOI, MAS DEIXOU ALGO que não acaba: um legado vivo, pulsante, espalhado em cada rubro-negro que aprendeu com ele a sentir o Flamengo de um jeito diferente. E também deixou amor - muito amor. Não à toa, se apresentava como Arturzão Love. Era isso. Um cronista gigante, com coração do tamanho da arquibancada.

FICA AQUI O NOSSO BEIJO, ARTURZÃO. E obrigado por tudo.

Um território entre o desejo e a memória

Prosa da porto-riquenha Mayra Santos-Febres chega ao Brasil com o romance 'Fé Disfarçada', lançado em 2009

Jose Arturo Ballester Panelli/Divulgação



Mayra Santos-Febres é uma das vozes mais decisivas da literatura caribenha contemporânea

Depois de mais de trinta anos de carreira literária, a porto-riquenha Mayra Santos-Febres tem seu primeiro livro publicado no Brasil. "Fé Disfarçada", lançado pela Pallas Editora, é a tradução de "Fe en Disfraz", romance de 2009 que acompanha dois historiadores em encontros ritualizados na Universidade de Chicago.

O livro narra a perspectiva de Martín Tirado, historiador porto-riquenho especializado em preservação digital de documentos, que chega à instituição para trabalhar no Centro de Pesquisas Históricas de Estudos Latino-Americanos. Ali conhece Fé Verdejo, historiadora negra estudiosa da escravidão feminina nas Américas dos séculos XVII e XVIII. Entre os dois estabelece-se uma relação de desejo oblíquo: encon-

“Em sua obra, ela constrói personagens femininas potentes a partir das quais investiga sexualidade, desejo e as marcas do racismo e da escravidão”

CRISTINA F. WARTH



tros marcados exclusivamente para a noite de 31 de outubro, véspera de Todos os Santos.

Narrado em primeira pessoa, o romance acompanha o estado de vigília de Martín nos dias que antecedem cada ritual. Enquanto escreve um relato que pode não sobreviver à noite, ele se confronta com o peso do desejo, a memória da diáspora africana e a ferida histórica da escravidão — inscrita, literalmente, na pele de Fé, em queloides que formam um alfabeto silencioso. O erotismo funciona como campo em que a história retorna ao corpo.

Samhain, o Ano-Novo das culturas pagãs celtas que originou o Halloween, é o momento em que o véu entre vivos e mortos se afina. Santos-Febres sobrepõe camadas de tempo para investigar quem tem o direito de narrar a história e de que matéria essa narração é feita. Fé Verdejo se disfarça não para escapar de si mesma, mas para se conectar com a ancestralidade que carrega.

Em 152 páginas, a autora constrói um romance que se alimenta de fontes primárias reais — narrativas de escravizados como Olaudah Equiano, Frederick Douglass, Harriet Jacobs e Mary Prince —, sem abrir mão da ficção. Santos-Febres revela que parte dos documentos foi recombinada, traduzida ou francamente inventada.

“O catálogo da Pallas ainda é pequeno na representação da autoria afro-caribenha — e é justamente por isso que o lançamento de “Fé Disfarçada tem um significado especial para nós. Mayra Santos-Febres é uma das vozes mais importantes da literatura da região. Em sua obra, ela constrói personagens femininas potentes a partir das quais investiga sexualidade, desejo e as marcas do racismo e da escravidão”, afirma Cristina Fernandes Warth, editora da Pallas.

Santos-Febres é romancista, poetisa, contista e professora de Literatura na Universidade de Porto Rico. Sua obra atravessa o corpo, a identidade negra e o desejo como territórios políticos. Recebeu a Bolsa Guggenheim em 2015 e foi finalista do Prêmio Rómulo Gallegos com Nuestra Señora de la Noche.

CRÍTICA LIVRO | A CARNE

POR OLGA DE MELLO - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Uma gula danada



Walter Craveiro/Flip



Rosa Montero em sua passagem pela Flip 2025. Seu romance mais recente, 'A Carne', chega ao Brasil

também a se recordar de trágicas histórias de amor de diversos escritores – algumas delas já reunidas por Rosa Montero no livro “Paixões” (Ediouro, R\$ 37,90). Em um divertido capítulo, a própria autora “aparece” na trama, conversando com Soledad. É descrita pela curadora como alguém “com uma pressa desajeitada”, que toma conta “do espaço inteiro: o casaco, a bolsa e o cachecol espalhados por toda parte, o celular, os fones de ouvido e uma pequena pilha de livros espalhados sobre a mesa” de um bar onde ambas se encontram. Soledad repara que Rosa veste “roupas da Zara ou algo pior, de uma daquelas lojas de departamento fajutas para adolescentes”, embora não fosse “uma jovencinha, por mais que quisesse se vestir feito uma”.

Como outros livros de Rosa Montero, “A carne” incita a uma degustação de glutão em churras-caria. A leitura, que me tomou apenas um dia e meio, pois é daquelas que provocam ansiedade no leitor a ponto de largar tudo para se isolar no universo melancólico de um personagem em pleno processo de envelhecimento. Talvez o romance não combine com a contemporaneidade, tão fragmentária, tão difusa, sempre interrompida pela realidade de chamados pelo telefone celular, como se a vida fosse um compromisso incessante de dedicação ao outro. Vale a pena se desligar do mundo para pensar nele sob a ótica de Rosa Montero.

Como se dizia quando eu era criança, fiz uma gula danada para não acabar muito rapidamente “A carne” (Todavia, R\$ 84,90), da Rosa Montero. Há alguns anos, essa espanhola me toca diretamente com seus livros. Cheguei a afirmar que sentia a impressão de ela que escrevia “para mim”. É que Montero reflete sensações com-

partilhadas por gente madura/velha/vivida nesta época de constantes fugas.

Em outros tempos, dificilmente o leitor entenderia a imaturidade da protagonista do romance, Soledad, de 60 anos, uma respeitada curadora de exposições de arte. Nesta época em que a pulsão juvenil se eterniza, Soledad vive uma tremenda dor de cotovelo depois de ser deixada por um homem casado, duas décadas mais

moço. Em busca de uma cura para a fossa, ela se dispõe a enciumar o ex, contrata um belo jovem para acompanhá-la à ópera, e acaba se apaixonando pelo rapaz.

Ainda que Soledad tenha experiência suficiente para não se iludir pelo encantador escort, ela cai nos jogos de sedução do bonitão, que nem sempre cobra por seus serviços sexuais. Embora viva confortavelmente, Soledad não pode dispensar contratos

de trabalho que incluem a convivência com gente medíocre e pretensiosa. Intui que seu padrão de vida seja superior ao carinhoso Adam, que jamais esconde continuar atendendo a uma clientela vasta de mulheres.

Ao se perceber apaixonada pelo acompanhante, Soledad aumenta os cuidados com o corpo para evitar as marcas da idade, refletindo sobre a angústia da finitude. O relacionamento a leva

NA ESTANTE

POR OLGA DE MELLO

O ARCANO DA REPRODUÇÃO

Clássico do feminismo italiano, a obra de Leopoldina Fortunati chega ao Brasil 45 anos depois de lançado, tratando, no entanto, de questões ainda bastante atuais para as mulheres, como a responsabilidade pelo trabalho doméstico e a obrigação da maternidade. Embora parta da perspectiva marxista do processo de reprodução – a produção de indivíduos que servirão de força de trabalho – há uma revisão e ampliação desse conceito cunhado por Marx e a rejeição da visão leninista de que o trabalho doméstico é improdutivo. A discussão sobre valores e papéis sociais se integram à análise da função feminina que perdura e submete mulheres à baixas remunerações enquanto profissionais. (Boitempo, R\$ 88)



Divulgação

O OUTRO LADO DO JOGO

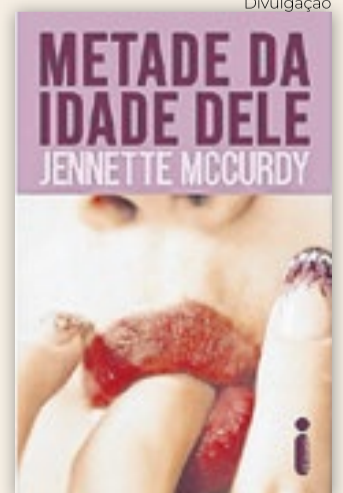
O uso político do esporte mais popular do mundo por governos interessados em fortalecer o nacionalismo é um dos aspectos analisados por Adriano de Freixo. Se na Era Vargas é iniciada a campanha que promove o futebol a fator de identidade brasileira, outros regimes autoritários como o franquismo espanhol e o salazarismo português, também aproveitaram a paixão pelo esporte para a manipulação política, influenciando, notadamente, o resultado de eleições. Paralelamente ao futebol transformado em ferramenta geopolítica, a Fifa ganha poder, determinando modificações até no público de estádios, cujas reformas alteraram os preços dos ingressos, restringindo seus espaços às elites. (Ação Editora, R\$ 44,90)



Divulgação

METADE DA IDADE DELE

A primeira incursão da ex-atriz mirim Jennette McCurdy na ficção parece ter mergulhado nas águas da telessérie “Euphoria”, dominada por jovens entediados, sem juízo e com um pé na criminalidade, seja por consumo de drogas ou comportamento socialmente condenável. Os adultos deste romance também são casos exemplares da inconsequência, como o professor casado que se deixa seduzir pela adolescente Waldo ou a mãe da menina, que deixa a filha de lado pois vive em função de seu namorado, violento e indiferente a ela. No universo desses personagens, todos os relacionamentos se revelam tóxicos e inadequados. (Intrínseca, R\$ 46,90)



Divulgação

Festival chega à quinta edição com competição em dez gêneros

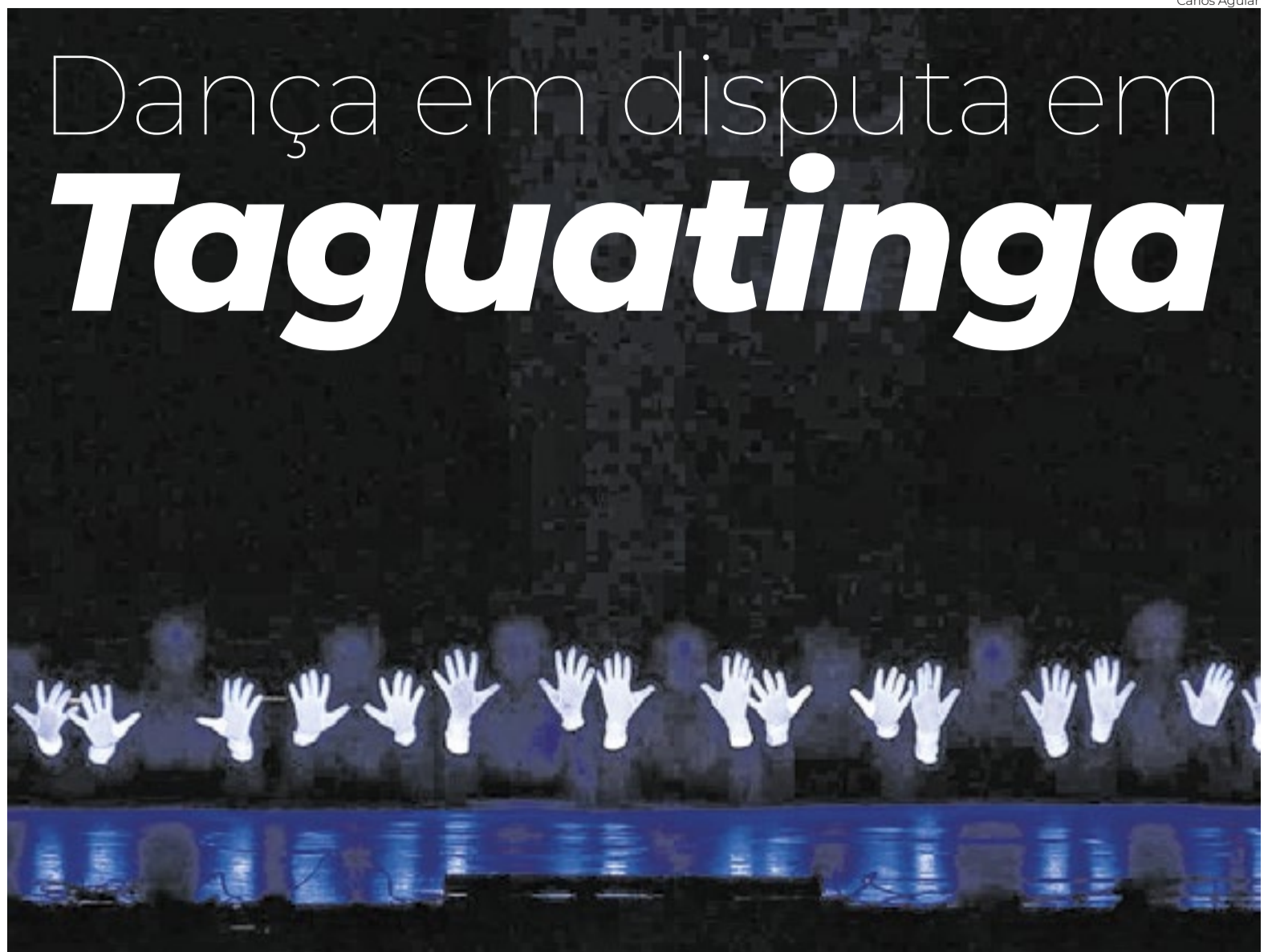
Por Mayariane Castro

O Teatro Sesi Yara Amaral, em Taguatinga, recebe entre os dias 30 de abril e 3 de maio a quinta edição do Festival Brasília em Dança. O evento, organizado pela Flyer Cia de Dança em parceria com o Sesi-DF, concentra uma programação composta por mostra competitiva, oficinas de capacitação profissional e apresentações abertas ao público.

A iniciativa, idealizada por Bruno Alves e Daniel William, busca estabelecer um calendário fixo para a modalidade no Distrito Federal e promover o intercâmbio entre artistas de diferentes regiões do país.

Pirâmide invertida

A estrutura do festival prioriza a pirâmide invertida de informação, concentrando o núcleo técnico na mostra competitiva. Para este ano, a organização confirmou a inclusão de dez gêneros distintos: Ballet Clássico de Repertório, Ballet Clássico, Neoclássico, Jazz, Dança Contemporânea, Estilo Livre, Danças Populares, Danças Urbanas, Danças Árabes e Sapateado. As performances são divididas em quatro formatos de composição, abrangendo desde apresentações individuais (solos) e em duplas



Do clássico ao moderno: competição envolve dez gêneros de dança

ou trios até coreografias de conjuntos.

As inscrições para os grupos interessados foram processadas via plataforma digital, com encerramento ainda no mês de março. O volume de participação projetou a superação dos indicadores da edição anterior, quando o festival registrou o número de 500 coreografias inscritas. Segundo o regulamen-

to, o credenciamento oficial e a ambientação dos participantes ocorrem no primeiro dia de evento, servindo como base logística para as atividades posteriores.

Workshops

Na parte formativa, a programação oferece workshops diários destinados exclusivamente aos bailarinos e profissionais de-

vidamente credenciados. O foco das oficinas é a formação técnica e a atualização de metodologias de ensino e execução da dança. De acordo com a organização, essas atividades visam suprir a demanda por aperfeiçoamento constante dos grupos locais, permitindo que a troca de experiências ocorra sob a supervisão de profissionais que compõem a banca de jurados.

Bruno Alves afirma que a criação do festival em 2022 visou mitigar a escassez de eventos competitivos de grande porte no calendário cultural de Brasília. O projeto foi desenhado para fomentar o cenário artístico local, proporcionando visibilidade a grupos que, anteriormente, possuíam poucas janelas de exibição e avaliação técnica na capital federal.

Workshops para a formação técnica

Objetivo é também focar na prestação dos serviços técnicos, indispensáveis para o espetáculo acontecer

O diretor do Brasília em Dança destaca que o evento atua como um catalisador para o setor cultural, gerando movimentação de público e profissionais no Teatro Sesi Yara Amaral.

“O Brasília em Dança nasceu com foco para fomentar e aquecer o cenário artístico da capital, visto que hoje não temos muitos festivais competitivos de dança na cidade. Queremos proporcionar aos grupos culturais e à comunidade um local em que todos possam aprender e realizar trocas entre si”, comenta Bruno.

A logística do evento foi adaptada ao longo dos últimos cinco anos para comportar a demanda externa. Devido à presença recorrente de comitivas de estados como Bahia e Minas Gerais, a produção do Festival Brasília em Dança estabeleceu acordos com a rede hoteleira da região administrativa de Taguatinga.

O objetivo destas parcerias é garantir a permanência dos grupos visitantes através de tarifas reduzidas, integrando a economia local ao fluxo do evento artístico.

Também serviços

Além do impacto direto na formação dos bailarinos, o festival movimentou o mercado de prestação de serviços técnicos, incluindo iluminação, sonoplastia e gestão de palco. A parceria institucional com o Sesi-DF viabiliza a utilização de uma infraestrutura capaz de suportar as exigências técnicas de gêneros variados, como o sapateado e as danças urbanas.

“O Festival vem abrindo portas para os fazedores da dança no Distrito Federal. Por muito tempo, Brasília estava carente no que diz respeito a festivais de dança e eventos do gênero. Esse evento gerou grande movimentação cultural, possibilitando novas experiências”.



Festival consolida-se na cena da dança brasiliense

Tudo é árido. Mas o amor floresce

Bruno Lago lança novo livro de ficção científica

Por Mayariane Castro

A trama centraliza-se na premissa de uma realidade afetiva que se desenvolve em um ambiente de privação de recursos naturais. A rádio Paradise Supernova funciona, dentro da diegese, como um veículo de transmissão de orientações de sobrevivência para a população, ao mesmo tempo em que se torna o canal de propagação da história de amor que conduz o enredo.

A nova narrativa apresenta um cenário de aridez extrema, caracterizado pela perda de reservatórios de água, onde a comunicação e as relações humanas são mediadas por uma estação de rádio, que dá nome à obra.

Distopia

O escritor Bruno Lago lançou o novo romance “Paradise Supernova”, sua segunda obra no gênero distópico após “O Descobrimento da Terra”, uma narrativa que aborda as consequências de uma interpretação equivocada sobre a chegada de seres alados à Terra, que a humanidade acredita serem anjos.

Publicado pela Editora Quimera Produções, o livro sucede o título de estreia do autor lançado em 2025 pela editora Tagore.

A publicação deste segundo

título ocorreu a partir de uma encomenda direta da Quimera Produções. Após a recepção do primeiro romance de Lago, a editora solicitou o desenvolvimento de uma nova temática para compor seu catálogo.

Bruno Lago, que possui formação acadêmica em Publicidade com especialização em redes sociais, utiliza sua experiência em comunicação para estruturar a dinâmica narrativa baseada na transmissão de informações e na conectividade entre os personagens.

Rádio Sobrevivência

A estrutura do livro explora a dualidade entre o colapso ambiental e a manutenção dos vínculos interpessoais. O autor estabelece o rádio como elemento tecnológico central para a sobrevivência e para a subjetividade dos protagonistas.

A escolha do cenário seco serve como pano de fundo para o desenvolvimento dos conflitos, seguindo a tradição das distopias que utilizam crises ecológicas para examinar o comportamento humano sob pressão.

A Editora Quimera Produções disponibilizou a obra em dois formatos. A versão digital é comercializada através da plataforma Amazon, enquanto o exemplar físico pode ser adquirido diretamente pelo portal da editora.

O lançamento reforça a trajetória de Lago no mercado editorial brasileiro, consolidando sua produção dentro do segmento de literatura de gênero voltada para temas contemporâneos de crise e reconstrução social.



Bruno Lago lança seu segundo romance distópico de ficção científica

Literatura distópica é mercado crescente

Livro foi encomenda da editora após “O Descobrimento da Terra”

O mercado de literatura distópica no Brasil tem apresentado crescimento, com autores nacionais explorando realidades alternativas que dialogam com questões ambientais e políticas.

“Paradise Supernova” insere-se nesta tendência, utilizando a escas-

sez hídrica, um tema recorrente em debates sobre mudanças climáticas, como motor da ficção. A transição do autor da publicidade para a literatura de ficção acompanha o movimento de profissionais de comunicação que buscam na narrativa longa novas formas de expressão.

A logística de lançamento e distribuição segue o modelo híbrido, comum em editoras independentes, que combina o alcance global do varejo eletrônico com a venda direta pelo produtor.

A Quimera Produções, ao investir em um autor em início de carreira com base em um sucesso

anterior, sinaliza uma estratégia de fidelização de catálogo e aposta no gênero de ficção científica e distópica como nicho de mercado.

A obra já se encontra em circulação nos canais de venda indicados, integrando as listas de lançamentos de ficção brasileira do primeiro semestre de 2026. O autor não confirmou até o momento se haverá uma continuação para o universo de “Paradise Supernova” ou se seu próximo projeto seguirá a mesma linha temática das obras anteriores que mesclam a ficção científica com a natureza humana.



Paradise Supernova está disponível em versão impressa e digital